

DÍVIDA VIRA INVESTIMENTO

O Bank of Montreal vai converter parte da dívida brasileira em capital de risco

Num anúncio simultâneo, no Rio e em Nova York, o Bank of Montreal, um dos principais credores externos do Brasil, comunicou ontem que vai converter cerca de US\$ 100 milhões de seus créditos com o País em investimento de risco, principalmente nas bolsas de valores. Esse valor representa menos de 10% do que o Brasil deve à instituição (cerca de US\$ 1,2 bilhão), mas o anúncio é importante porque trata-se do primeiro credor brasileiro a assumir essa posição.

"Com isso, deixamos clara a nossa disposição de ajudar a restaurar a estabilidade, além de promover o crescimento da economia brasileira", disse em Nova York o presidente do Bank of Montreal, William Mulholland. No Rio, o presidente do Banco de Montreal Investimentos, Pedro Leitão da Cunha, confirmou a decisão da administração do banco canadense.

Segundo Leitão da Cunha, o requerimento formal solicitando autorização para realizar a conversão foi apresentado ontem de manhã ao presidente do Banco Central, Francisco Gros, e "teve muito boa receptividade". Para ele, a medida é uma demonstração de que o Ban-

co está "tranquilo e confiante em relação ao Brasil e não considera a crise atual como ameaça a essa projeção não apenas otimista mas realista em relação ao País".

Segundo seus dados, o banco adotou várias medidas para realizar a conversão da dívida em investimento de capital, a começar pela constituição de uma subsidiária em Barbados, que será detentora das suas participações em diversos canais de investimento no País. Além disso, e da autorização pedida ao Banco Central, encaminhou solicitação à Comissão de Valores Mobiliários para estabelecer uma carteira de investimentos no Brasil, com base na resolução 2890, que regula os fundos de investimentos estrangeiros em bolsa. O Banco de Montreal Investimento, sua subsidiária no Brasil, ficou encarregado de administrar esses investimentos, "que incluirão títulos de alta qualidade registrados nas bolsas de valores brasileiras e investimentos diretos em ativos e empresas brasileiras".

Segundo a proposta, os créditos envolvidos, expressos em dólares, serão convertidos em títulos

negociáveis e vendidos a pessoas físicas e jurídicas brasileiras pelo seu valor nominal em cruzados, com taxa cambial a combinar; ou serão vendidos, nas mesmas condições, aos respectivos devedores.

Outros bancos

Para o presidente do Bank of Montreal, William Mulholland, ouvido em Nova York por Eliane Gamal,

Até agora o enfoque dado ao problema da dívida tem sido principalmente de preservação da situação existente, sem que se procure novas opções de negociações. "Não podemos resolver os problemas liquidando com os países. É preciso haver outras saídas para que o Brasil e os credores escapem desta rígida estrutura na qual se transformou a questão do endividamento externo", afirmou Mulholland, que espera ainda que outros credores se juntem a esta iniciativa.

Ele até acha isso possível, se o Brasil conseguir estabelecer uma política econômica estável, adotando medidas que levem a um crescimento econômico sustentá-

vel. Em outras palavras, o banqueiro canadense não considera razoável que sejam pedidos novos empréstimos internacionais para serem usados no subsídio de estruturas produtivas ineficientes, na manutenção de um setor público que não contribui para a capacidade produtiva do País de maneira proporcional, ou mesmo para estimular uma excessiva demanda interna.

Até o momento, ainda não se sabe se outros credores adotarão as medidas pelo Bank of Montreal e, segundo Mulholland, são poucas as instituições que têm capacidade e estrutura para segui-lo. "Tudo vai depender muito do sucesso da nossa operação. Seder certo, provavelmente outros tentarão fazer o mesmo com seus empréstimos", afirmou Mulholland.

O presidente do Bank of Montreal, quando perguntado sobre a possibilidade de o Brasil optar pela capitalização de parte dos juros, disse: "A princípio, eu não acredito que a maioria dos bancos vá gostar disso, mas é uma possibilidade, embora não seja uma idéia sábia. Mas depende das especificações, quais são as propostas".